



Do rap à literatura marginal: Vozes femininas

Del rap a la literatura marginal: voces femeninas

Maria Luisa Barbosa Martins¹

Resumo: O objetivo desse artigo é analisar as semelhanças e diferenças entre a poesia e a música produzidas por mulheres pertencentes ao universo da literatura marginal. As poetisas Luiza Ramão e Dinha, e as *rappers* Mariana Mello, Nabrisa, Souto Mc, Karol de Souza, Drika Barbosa, Azzy e Bivolt utilizam de suas composições para narrar as diversas lutas das mulheres periféricas brasileiras. À luz da teoria feminista e de teorias sobre a literatura marginal, traçamos um paralelo entre os poemas daquelas escritoras e o *rap* quanto a sua estética e seu conteúdo literário.

Palavras-chave: *Rap*; poesia; mulher.

Resumen: El objetivo de este artículo es analizar las similitudes y diferencias entre poesía y música producidas por mujeres pertenecientes al universo de la literatura marginal. Las poetisas Luiza Ramão y Dinha, y las *rappers* Mariana Mello, Nabrisa, Souto Mc, Karol de Souza, Drika Barbosa, Azzy y Bivolt usan sus composiciones para narrar las diversas luchas de las mujeres periféricas brasileñas. A la luz de la teoría feminista y las teorías de la literatura marginal, trazamos un paralelismo entre los poemas de estas escritoras y el *rap* en su contenido estético y literario.

Palabras clave: *Rap*; poesia; mujeres.

1. Introdução

No presente artigo abordamos as relações da literatura marginal de autoria feminina com o *rap* de autoria feminina, discorrendo não somente sobre os aspectos estruturais em que se assemelham e se diferenciam o poema da música, mas também sobre as relações sociais e culturais que fazem parte do ambiente em que estão inseridos os objetos de estudo.

¹ Mestranda em Letras na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

Para isso, discutiremos a relação histórica do *rap* com a literatura, com a sociedade e com a mulher periférica.

Para chegarmos aos objetos de análise, faremos, a partir de agora, uma apresentação da literatura marginal, do *rap* enquanto literatura marginal, e a mulher periférica que utiliza dele como sua voz de denúncia pelas desigualdades sociais, raciais e de gênero, violências de diversos tipos, descaso político, e todas as questões que vivenciam no seu local de fala, a periferia.

2. Literatura marginal: *rap* e poema/ *rap* como poema

Começando pela literatura marginal, entende-se com esse conceito a literatura que se considera não pertencente ao cânone, aquela que se vê em um lugar desfavorecido, à margem, como Batalha expõe em seu texto:

Os grandes textos da tradição seriam aqueles “canonizados e fecundados”, integrados pela posteridade a uma longa cadeia textual, que dão a impressão de um percurso evolutivo e linear. Paralelamente, há uma certa proporção de textos literários “não fecundos”, mantidos à margem dos arquivos canônicos. Tomando-se por base uma visão legitimista da história literária, os conceitos de maior/menor estão intimamente vinculados aos mecanismos de seleção e exclusão operados pelas instâncias de legitimação dos cânones e, por conseguinte, os critérios balizadores dessa seleção são predominantemente históricos, contingenciais. Isto significa considerar que, para compor o “arquivo cultural”, outras escolhas poderiam ter sido possíveis, fixando novas formas em detrimento das que ficaram, mobilizando discursos e visões múltiplas a conviver e dialogar com os recortes que foram privilegiados. (BATALHA, 2013, p. 116)

Pertencentes a esses textos literários não “fecundados”, a literatura marginal é colocada à margem por diversos aspectos, sociais e culturais, podemos citar, por exemplo, a questão da autoria, na qual autores que não possuem certo prestígio e condição social necessários sofrem para ocupar um espaço no cânone literário.

Esses autores que surgem das margens aparecem justamente com o objetivo de dar voz àqueles que apenas eram representados por outrem e que não vivenciavam sua realidade e aquilo que escreviam. A representatividade é a marca da literatura marginal, autores que realmente vivenciam as mazelas sociais agora falam com propriedade de sua realidade e

I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

utilizam esse ambiente para luta e denúncia das violências e desigualdades vividas nas periferias. Dentro dessa pauta, Miranda observa que:

A partir de perspectivas com ênfase em vozes excluídas por um sistema de representação hegemônico, tornou-se possível considerarmos as novas visões emergentes que adotam discursos que suplementam a ideologia dominante, à medida que há uma mudança na qual o poder da palavra visita outro locus de enunciação, (re)significa a cultura, (re)constrói a memória de muitos daqueles que estavam em situação de invisibilidade social e cultural e altera o imaginário nacional. São vozes plurais que emergem das margens do poder estabelecido e lutam pela construção da cultura da periferia, buscando reformular o discurso ignorado pela história excludente. (MIRANDA, 2011, p.1).

Podemos associar o *rap* à literatura marginal, principalmente se tomarmos como pressuposto a história e luta do gênero musical. Nascido na periferia e utilizando-se de rimas e poesia, composto com o intuito de denunciar as desigualdades sociais e raciais vividas pelas populações miseráveis que se encontravam as margens da alta sociedade, o *rap* passa a ser o poema, a literatura, a voz e a luta das periferias.

Posteriormente ao momento inicial do *rap*, que aborda as desigualdades sociais e raciais em suas letras, outros temas como o machismo, a violência contra a mulher, o feminicídio, a homofobia, a descriminalização das drogas também passam a ser retratados nesse espaço que deixa cada vez mais clara a sua função extremamente importante e necessária para a voz da periferia.

Oprimida historicamente pelo gênero, a mulher periférica esteve silenciada até mesmo nesse ambiente que se caracteriza por dar voz aos oprimidos, as poetisas marginais e as *rappers* muitas vezes lutam triplamente por sua representatividade: enquanto margem social, enquanto negras e enquanto mulheres.

Assim como a literatura canônica peca por reproduzir estereótipos ao tentar representar a margem sem pertencer a ela, dentro do próprio ambiente da literatura marginal a mulher foi representada e estereotipada por autores masculinos, que possuindo maior visibilidade pela cultura machista patriarcal em que a sociedade está imersa acaba tendo seus discursos como superior ao das mulheres, como relata Lousa:

I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

A disparidade em termos de acesso à publicação ainda é gritante. Mesmo ao criar personagens femininas, a maior parte dos autores periféricos ainda reproduz estereótipos canonizados de representação, salvo algumas exceções, como Sérgio Vaz, que traz o olhar sobre o feminino de maneira não estereotipada. As mulheres ainda são, em sua maioria, representadas como seres que orbitam em torno das figuras masculinas e têm como um dos principais objetivos satisfazer os desejos masculinos, legitimados socialmente, que acabam por esvaziá-las e desumanizá-las. Em sua maioria representadas de maneira caricatural e intermediada pela fala dos homens, as figuras femininas ocupam lugares subalternos. (LOUSA, 2017, p.5)

A subalternidade da mulher periférica é ainda mais gritante, dado o lugar de sua fala, em busca dessa denúncia de suas condições de subalternidades sociais, raciais e de gênero, o discurso da mulher periférica que compõe poesias marginais e *rap* aborda a situação particular dessa mulher da margem, que além de estarem sujeitas a todas as desigualdades sociais ainda sofrem com o preconceito de gênero.

Lousa ainda discorre quanto a essa tripla subalternidade que sobrecarrega a mulher periférica:

A subalternização da mulher periférica pode estar atrelada a três vértices de estigma que fazem com que seus corpos, discursos e produção literária/poética sejam considerados abjetos. Isto significa que a mulher periférica muitas vezes é triplamente subalterna, mas o que isso quer dizer? Quer dizer que é subalterna por ser mulher e compor um grupo historicamente marginalizado e inferiorizado, mas também é subalterna por ser periférica e lhe serem renegados aspectos básicos da vida na metrópole, e por fim pelo recorte de raça e todas as implicações violentas que um preconceito como o racismo imputa. (LOUSA, 2017, p.15)

Essas condições as quais lhe são impostas são pertencentes a um processo histórico extremamente enraizado na sociedade, as profundas marcas do patriarcado fazem das mulheres periféricas o sujeito mais subalterno dentro da sua própria subalternidade de classe e raça.

A necessidade de representatividade se torna extremamente necessária haja vista a condição em que se encontram e de onde emergem esses discursos, a poetisa marginal e a *rapper* são as vozes desse lugar calado pela tripla opressão da classe, da raça e o gênero de onde falam. Butler reflete a respeito da necessidade dessa representatividade feminina:

I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

Por um lado, a representação serve como termo operacional no seio de um processo político que busca estender visibilidade e legitimidade às mulheres como sujeitos políticos, por outro lado, a representação é a função normativa de uma linguagem que revelaria ou distorceria o que é tido como verdadeiro sobre a categoria das mulheres. Para a teoria feminista, o desenvolvimento de uma linguagem capaz de representá-las completa ou adequadamente pareceu necessário, a fim de promover a visibilidade política das mulheres. Isso parecia obviamente importante, considerando a condição cultural difusa na qual a vida das mulheres era mal representada ou simplesmente não representada. (BUTLER, 2003, p.18)

A linguagem capaz de representar a mulher periférica se pareceu extremamente necessária no *rap* e no poema marginal, conforme esclarece Butler, a condição de mal representação ou até mesmo a não representação que ocorre pelo discurso do opressor acaba sendo a única versão que ganha espaço, ocultando a visibilidade das mulheres, essa luta e busca pela voz que lhes foi negada se torna a inspiração para seus poemas e composições.

3. *Poetisas e rappers: os pontos em que as lutas convergem e divergem*

Dentre as inúmeras produções que pertencem às mulheres, que denunciam as desigualdades sociais e lutam pelo seu espaço no *rap* e na literatura marginal, analisamos os seguintes textos: “poema sem título”- Luiza Romão, Coquetel Motolove; “Ansiedade”- Dinha- Gado Cortado em Milprantos e o rap “Poetisas no topo”- Maria Mello, Nabrisa, Karol de Souza, Azzy, Souto, Bivolt e Drik Barbosa.

Primeiramente analisamos o poema sem título de Luiza Romão:

*este texto não é um texto. este texto é um parto:
tem a dor do que parte, do que fica, do que nasce- Luiza Romão*

ser virgem
está muito além de um hímen
da palavra ser ou não ter hífen
é matéria-prima
barro úmido
húmus:
human woman women
homem,
eu não nasci da sua costela.
vim ao mundo pelas mãos
de alguma obstetra
filha de mãe mulher donzela
não a bela-pequena-aurora-adormecida-sereia-de-chapéu-vermelho,

I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

não.
sou filha da outra:
a que tem suor, sangue e leite
a que labuta com dois filhos nas costas
e um no peito
tornar-se mulher
pela perfuração de um falo?
falácia
habito meu próprio corpo
falho
que fala e convalesce
sob as súplicas
de outra prece:
não à nossa-senhora-mãe-gentil-virgem-imaculada,
não.
mas à padroeira das putas
das histéricas
e tresloucadas
das mulheres-Medéia
e das Clitemnestras
das malditas
e revolucionárias
Rosas Marias Joana Zuzus Pagus Fridas
sofridas e incansáveis
meninas em gestação
de ser mulher
meninas que sangram
mês a mês
possibilidades de si
que abortam o que não teve lugar
o que não pode ser
meninas em gestação
mulheres em gesto
e ação
não colocarei o pau na mesa
se você vem com
“porra, porrada, caralho”
mostro meus peitos abertos
meus seios e anseios fartos
dessa gramática de barbárie
porque o ser mulher
está muito além de um artigo feminino
definido ou indefinido
muito além,
de um artigo feminino
em liquidação numa loja barata de cosméticos
de um artigo feminino
publicado na página 5 das novas, cláudias, caprichos, tititis
está além dos artigos
da lei Maria da Penha
[de qualquer lei de direitos humanos universais]
porque o ser mulher
está além do artigo.
está no sujeito:
que não se sujeita
que age, atua,
direto, intransitivo
está no sujeito,
independente

I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

de gênero, número
e grau

O poema de Romão traduz o ser mulher periférica, ela deixa bem claro a mulher de quem fala e para qual fala, que não é a bela, virgem, donzela, é a que sangra, que sofre, que luta, que cria seus filhos sozinha, que trabalha, que apanha, que é sujeita a todas as infelicidades da vida.

O retrato da mulher do poema se encaixa claramente no perfil da mulher periférica que se vê triplamente subalternizada, pela sua condição social, pela sua condição racial e pelo seu gênero inferiorizado historicamente, esse poema traz fortes impressões das realidades vividas pelas periferias brasileiras.

O próximo poema a ser apresentado é da autora Dinha, que relatará uma perspectiva diferente, mas ao mesmo tempo muito próxima do poema anterior:

Eu tenho medo da morte.
Eu tenho medo da morte
ainda.
Eu tenho medo porque vejo lá em cima
minhas meninas de cabelos black e mão erguida.
Eu tenho medo da morte.
Eu tenho medo da morte
ainda.
Eu cago de medo da morte
porque ela nos persegue
desde o primeiro dia.
Na barriga
como um verme impossível
espreitando na esquina
de revólver engatilhado
os olhos fechados
sonhando-nos cadáveres

I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

adiados
que não procriem.
Eu tenho medo da morte
porque os donos dos vermes
criam varizes de morte
pra poder vender vacina.
Eu tenho medo da morte
porque vejo minhas meninas
de cabelos pra cima
punhos no alto
e os vermes
puxando os gatilhos.
Eu tenho medo da morte.

Como se pode perceber, a realidade mencionada no poema é a de inúmeras periferias brasileiras, a violência, o preconceito, o medo, são situações vivenciadas diariamente pelos moradores dessas regiões.

Dinha aborda o tema universal dessa literatura de margem e também consegue ainda abordar especificamente o universo feminino nessa realidade. Ela reforça a cada linha de seu poema o medo da morte, o medo que é presente a cada segundo da vida de um morador de periferia, o medo que sente até mesmo antes de conhecer a vida, quando ainda está no ventre da mãe também moradora da periferia.

Ao mencionar que tem medo por suas meninas, Dinha realça o medo ainda maior das meninas, das mulheres, da figura feminina que vive nesse lugar, um medo que é caracterizado e exposto mais uma vez como triplamente cruel, essas mulheres temem por sua vida por pertencerem a uma classe social desfavorecida, por serem em sua maioria negras e sofrerem a violência e o preconceito racial e ainda por serem mulheres.

As produções apresentadas estão inseridas no âmbito da literatura marginal, são poemas produzidos por mulheres da margem que falam de sua realidade com propriedade e representatividade.

I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

O *rap*, assim como o poema marginal, trata das mesmas causas sociais, e o *rap* produzido pelas mulheres vai em busca desse aprofundamento da realidade feminina nesse ambiente, e também busca denunciar as desigualdades vividas por conta de essa produção ser de autoria feminina, e sofrer certo desprestígio com isso.

No *rap* analisado, “Poetisas no topo” (segue anexo), temos diversas vozes de mulheres periféricas, que assim como as poetisas dos textos anteriores estão inseridas no universo periférico, que vivenciam as violências diversas de classe, raça e gênero, e utilizam de sua canção para exposição dessa realidade que fica oculta aos olhos da sociedade.

A linguagem muitas vezes agressiva, como podemos observar em alguns trechos dessa canção, é a marca do gênero musical, que chama a atenção por sua hostilidade, buscando chocar para então denunciar a forma como estão exposta a tal situação e vivenciam uma realidade que foi escondida e mal representada por muito tempo.

A rima, a musicalidade, a escrita poética são marcas do *rap*, e que podem ser observadas em diversos trechos da canção, levando a análise dessa obra como algo poético, e que pertencente então a o universo literário, se encaixaria na literatura marginal/periférica.

A canção traz a voz de várias *rappers*, o que enriquece ainda mais a discussão pois, apesar de serem mulheres pertencentes ao mesmo lugar de fala, com lutas iguais, também têm suas reivindicações particulares como podemos notar na fala de cada uma delas.

As lutas se diferenciam em pontos como raça, gênero, sexualidade, aparência entre outros. Mariana Mello, uma rapper branca, reivindica o reconhecimento da trajetória feminina e ressalta a importância de se empoderar como mulher e de reconhecer a ancestralidade feminina, como vemos nos versos: “1891, o mundo nasce de novo e todas nós viramos um/1917, retomamos nosso posto e nossa força se manteve/ 1919, Bertha Lutz deu início à nossa liberdade/ 1927, Celina Guimarães, artigo 17”.

Nabrisa, rapper negra, traz sua visão de como a voz feminina é prejudicada e denegrada no cenário do *rap* nacional, como notamos no verso: “Eu não sei por que mina no rap/ causa tanta polêmica e confusão/ Talvez seja porque cês/ nunca viram várias buceta junta com tanto flow/ postura e disposição, né não”, a desvalorização da mulher no *rap* é notável, enquanto esse ambiente de luta clama por espaço que foi renegado as margens, ainda

I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

sim pratica o preconceito de gênero. A linguagem violenta e com “palavrões” são traços típicos do *rap*, que reproduz a violência que sofre em suas linhas.

Karol de Souza, também rapper negra, trata de diversos temas em suas linhas, ela fala da luta da mulher negra, que sofre por ser mulher e também por ser negra, ela fala do machismo, e ainda resalta questões de gênero, abordando temas como a homofobia, seguem alguns trechos que abordam tais temas: “Nóis é preta de quebrada, nascida e criada/ E não só quando nos convém”; “Engole todo seu machismo e reconhece/ Nóis é foda mermo, nóis é xota mermo, mano”; “Respeita as bicha preta, nem tudo tá nos contrato/ Cês adora matar as gay, mas chama os parça de viado”. A tripla luta da mulher negra e periférica é muito bem retratada nessas linhas, uma mulher que sofre preconceito social, racial e de gênero, incluindo também em sua denúncia o preconceito contra os homossexuais, que possuem uma luta tão árdua quanto a *rapper*.

Azzy retrata em sua fala o empoderamento feminino, a busca pela ascensão da mulher rapper, como no verso: Eu também passei a sede/ Fui pisada, humilhada, até desacreditada/ Hoje quero vista pro mar, água de coco e uma rede/ Topo pras mina, respeito às mina/ Falo por mina/ grito pras mina”, objetivando uma maior visibilidade pelas produções femininas, respeito e valorização, haja visto o desprezo das *rappers* por muito tempo no cenário do *rap* nacional.

Souto Mc traz à tona as marcas deixadas pela escravidão, que se perpetuam até a atualidade, e hoje presentes ainda hoje assumem papéis diferentes, mas que se assemelham muito a um passado que nunca foi completamente enterrado, seguem os versos que problematizam tais situações: “Aos meus foi ferro e fogo, fuga e sufoco/ As missa abafando os grito de socorro/ Revidamo pouco, recebam nosso troco/ Por cada cabocla que cês colocaram/ pra espancar nos toco”; a ascensão da luta negra é tema da poetisa, o “topo” que lhes foi negado por tanto tempo é a reivindicação de suas linhas.

Bivolt faz de suas linhas o anseio pelo crescimento do espaço das mulheres do *rap*: Eu tenho muito pra ganhar, sem ilusão/ Caminhos abrem percorrendo essa minha nação/ Nasci despida, eu tô no lucro, satisfação/ Eu vim de lá, lado de lá, lá cê num chegou não”.

A última *rapper* encerra esse poema com críticas pesadas a várias questões vivenciadas pelas periferias brasileiras, o racismo, o machismo, a violência policial, a homofobia, o

I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

nazismo, a revolta contra o sistema político e seus governantes passam por sua composição, seguem alguns trechos que representam seus questionamentos: “Sobrevivendo no inferno pra alcançar as nuvens/ Rafael Braga, preso por ser preto/ Tratado como se preto não tivesse alma/ Eles nos matam todo dia, chacina nos gueto/ Imagina então se o racismo não tivesse em pauta/ 2017, os nazi tão em festa”; “Hipocrisia é mato, homofobia mata/ Ignorância é fato/ Cês matam em nome de Jesus/ Bando de Bolsonaro/ Enquanto jorra sangue nas metrópoles/ Os ladrão mesmo tão em Paris, gastando nosso din' suado”. A referência à Rafael Braga traz à tona também as mazelas do poder judiciário brasileiro, e as injustiças causadas pelo preconceito social e racial.

4. *Considerações finais*

As diversas vozes trazidas por essa música abordam temas que convergem e divergem em diversos pontos. As lutas são, ao mesmo tempo, distintas e iguais, todas relatam enfrentamentos e preconceitos vivenciados a cada dia nas periferias brasileiras, e ainda sim cada uma traz as particulares de seu lugar de fala, sendo essa particularidade o racismo, a homofobia, a violência contra mulher, o descaso político, a violência policial, o fato é que todas são mulheres periféricas que possuem enfrentamentos incomum por serem mulheres e pertencerem à margem, e usam do *rap* para isso.

As semelhanças entre as poesias marginais de Luiza Romão e Dinha e o *rap* de Mariana Mello, Nabrisa, Azzy, Karol Souza, Souto Mc, Bivolt e Drika Barbosa estão em seu lugar de fala e sua luta contra as desigualdades sociais, raciais, e principalmente de gênero, que é o que as une nessa denúncia, combater o machismo em um meio que já combate às desigualdades é obviamente necessário para essas mulheres.

Referências

AZZY. BARBOSA, Drik. BIVOLT. MELLO, Mariana. SOUTO, Mc. SOUZA, Karol de. Poetisas no topo. São Paulo: Pineapple, 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=oZYIIPPLfjY>>. Acesso em: 12/07/2019.

I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

BATALHA, M.C. O que é uma literatura menor? Revista Cerrados, v. 35, 2013, p. 115-134.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DINHA, Maria Nilda. *Gado cortado em milprantos*. 1ed. São Paulo: Edições Me Parió Revolução, 2018.

LOUSA, P.L. Literatura marginal-periférica de autoria feminina: Testemunho, resistência e poesia. Revista eletrônica Cenários, Vol. 1, n° 15 (2017). Disponível em: <<https://seer.uniritter.edu.br/index.php?journal=cenarios&page=article&op=view&path%5B%5D=1491&path%5B%5D=1037>>. Acesso em: 12/07/2019.

MIRANDA, W.S. Diálogos possíveis: do rap à literatura marginal. Revista eletrônica Darandina, Vol 4, n° 1 (2011). Disponível em: <<http://www.ufjf.br/darandina/files/2011/06/Di%C3%A1logos-poss%C3%ADveis-do-rap-%C3%A0-literatura-marginal.pdf>>. Acesso em: 12/07/2019.

ROMÃO, Luiza. *Coquetel Motolove*. 1ed. São Paulo: Selo Doburro, 2014.